

# Editorial

Este número da *Revista Brasileira de Educação* apresenta ricas contribuições para a área de educação, no que diz respeito aos temas abordados e às diferentes vinculações teórico-metodológicas de seus autores. Nesse conjunto, como em números anteriores, privilegamos a publicação de textos derivados de pesquisas ou ensaios que discutem temáticas originais, abrindo espaço para aqueles que apresentam abordagens teóricas inovadoras.

No primeiro artigo, “Máscaras, jovens e ‘escolas do diabo’”, José Machado Pais aborda o que considera um dos desafios atuais das pesquisas sociológicas: desmascarar as atuações cotidianas, procurando descobrir o que revelam ou ocultam. Detém-se sobre as máscaras que caracterizam os estilos juvenis e as tramas de significado que esses estilos escondem. Em particular, analisa a existência de máscaras no cenário das escolas retratadas como “escolas do diabo”, sugerindo que algumas ações protagonizadas por alguns jovens nessas escolas ocultam formas sutis de violência a que esses jovens encontram-se cotidianamente sujeitos.

Denise Helena Pereira Laranjeira e Ana Maria Freitas Teixeira, em “Vida de jovens: educação não-formal e inserção socioprofissional no subúrbio”, analisam as práticas educativas desenvolvidas por jovens, com foco na sua inserção socioprofissional, em oficinas de teatro, num curso de eletricidade e no Programa

Agente Jovem. Justificam a escolha do local da pesquisa – em um subúrbio da cidade de Salvador, na Bahia – pela concentração da população jovem desfavorecida social e culturalmente, “esquecida” das políticas públicas. Mostram que os jovens enfrentam diferentes estigmas que afetam diretamente o processo de inserção socioprofissional.

Por sua vez, o artigo de William F. Pinar, “O corpo do pai e a raça do filho: Noé, Schreber e a maldição do pacto”, a partir da descrição de um livro que resume e justapõe pesquisas que possibilitam aos professores estabelecer conversas sobre o currículo no qual eles e seus alunos estão engajados, lembra o pacto entre Jeová e os israelitas, no Velho Testamento, e argumenta que o racismo branco relaciona-se a este pacto, que envolve a repressão do desejo sexual entre pai e filho e a projeção da diferença sexual para os “outros”. Traz, portanto, reflexões ainda pouco tematizadas na bibliografia brasileira sobre educação.

Em “Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdades e diferença”, Vera Maria Ferrão Candau examina a relevância do discurso dos direitos humanos no contexto das culturas atuais, tendo como principal interlocutor o sociólogo Boaventura Sousa Santos. Indica as diferentes abordagens do multiculturalismo, assumindo a perspectiva intercultural, por sua relevância, e

assinala alguns desafios que considera de especial importância para trabalhar as relações entre educação intercultural e direitos humanos.

Bernardete Gatti, no artigo “Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década”, discute a forma como processos de educação continuada, presenciais ou a distância, têm sido implementados no contexto das políticas educacionais da União, de Estados e Municípios, na última década. Mostra a multiplicidade de iniciativas desenvolvidas em diferentes modalidades metodológicas, visando variados tipos de formação, com foco em professores de diversos níveis de ensino e suas especialidades. Coloca a questão no contexto internacional, por meio da exposição de vários documentos de organismos multinacionais. Discute ainda o papel da legislação brasileira, o impulso que propiciou às iniciativas de educação continuada no Brasil, os problemas que emergiram e as novas legislações.

Akiko Santos, em “Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido”, explora a potencialidade dos princípios holográfico (David Bohm/Edgar Morin), da complementaridade dos opostos (Niels Bohr), da transdisciplinaridade (Basarab Nicolescu), da incerteza (Werner Heisenberg) e da *autopoiese* (H. Maturana e F. Varela), elaborados por

cientistas de diferentes áreas e integrados à teoria da complexidade e da transdisciplinaridade. Trabalha esses princípios visando ao resgate de um sentido do conhecimento para a vida, elo perdido com a prática de sua fragmentação.

Em “Imagens de um *lugar de memória* da Educação Nova: Instituto de Educação do Rio de Janeiro nos anos de 1930”, Sonia de Castro Lopes sublinha a importância conferida àquele Instituto como um dos mais expressivos laboratórios da Escola Nova, referência para o país naquela década como centro de excelência na formação de professores. Utilizando imagens veiculadas pelo periódico *Arquivos do Instituto de Educação*, publicado pela primeira vez em 1934, sob os auspícios da Secretaria de Educação do Distrito Federal, busca superar a ideia da fotografia como mera ilustração para as análises escritas, considerando-a como fonte histórica que requer uma construção teórico-metodológica singular.

Carlos Herold Junior, em “Os processos formativos da corporeidade e o marxismo: aproximações pela problemática do trabalho”, procura evidenciar a mútua importância que possuem os estudos sobre a formação da corporeidade e as reflexões baseadas no materialismo histórico. Observa que, ao atrelar a análise do corpo às transformações no mundo do trabalho, pode-se aprofundar as possibilidades das análises sobre o corpo na atualidade e com isso espera mostrar que a análise do corpo se constitui em uma importante temática para as reflexões sobre a sociedade capitalista, da mesma forma que a reflexão sobre as transformações na forma de trabalho dessa sociedade oferecem possibilidades valiosas aos estudiosos da corporeidade.

No artigo “Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação”, Luciana Gruppelli Loponte discute a relação entre arte, educação e infância com base nas seguintes questões: De que forma podemos saber

mais sobre a infância a partir de metáforas da arte contemporânea? O que a arte contemporânea pode dizer para a docência da infância? De que modo a docência vê a infância e sua arte? Podemos pensar em uma dimensão estética da formação docente para a infância? Na esteira dessas questões, debate também sobre o lugar da arte nas políticas públicas para educação infantil, especialmente no que diz respeito à formação docente e à ampliação do ensino fundamental para nove anos.

Roberto Abdala Junior, em “O cinema na conquista da América: um filme e seus *diálogos* com a história”, aborda uma questão clássica, presente entre professores e cineastas: os filmes e os processos de aprendizagem. Baseado em trabalhos de James Wertsch, psicólogo que procura encontrar “aproximações” entre as teses de Vygotsky e Bakhtin, busca demonstrar que os argumentos desse autor e de outros que estudam o cinema – também sob viés bakhtiniano – podem ser articulados no sentido de sugerir estratégias para empregar filmes nos processos de construção do conhecimento histórico, escolar ou não. Ao final, a partir do filme *1492 – A conquista do paraíso*, de Ridley Scott, propõe um exercício prático, operacionalizando a argumentação formulada anteriormente.

Apresentado por Maria Teresa Freitas e Dario Fiorentini, o artigo “Desafios e potencialidades da escrita na formação docente em matemática”, resulta de pesquisa que teve como objetivo investigar como futuros professores da licenciatura respondem à experiência de uma disciplina de formação matemática que privilegia o registro escrito discursivo e reflexivo. A investigação narrativa foi eleita como método de pesquisa, contando com registros etnográficos, entrevistas, relatórios e mensagens pela internet. Subsidiada teoricamente pelos estudos histórico-culturais, o texto traz uma das

narrativas de formação, evidenciando aspectos importantes da presença da escrita na constituição pessoal e profissional do professor.

O último artigo do conjunto, “Relação com o saber na aprendizagem matemática: uma contribuição para a reflexão didática sobre as práticas educativas”, de autoria de Veleida Anahi da Silva, refere-se à pesquisa realizada em Sergipe, com 362 alunos da 1ª à 5ª série do ensino fundamental, buscando compreender os fundamentos e processos da relação dos alunos com a aprendizagem matemática e verificar a importância da pesquisa de campo para desvelar as representações e os saberes ocultos no processo ensino-aprendizagem. O referencial teórico repousa nas pesquisas de Bernard Charlot e de Claudine Blanchard-Laville sobre a relação com o saber. Os resultados destacam que os alunos se relacionam com objetos e práticas cotidianas, como contar o dinheiro, mais do que com objetos especificamente matemáticos, o que oferece bons indicadores para uma reflexão na ótica da didática.

O presente número reproduz ainda dois importantes documentos lidos na sessão de abertura da 30ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Caxambu, Minas Gerais, de 7 a 10 de outubro de 2007: “Trinta por trinta: dimensões da pós-graduação em educação”, de Carlos Roberto Jamil Cury, e “A retomada de compromissos históricos aos 30 anos da ANPEd”, de Luiz Antônio Cunha. O primeiro historia a criação da associação e o segundo propõe que sejam retomados seus compromissos históricos, em particular a avaliação do conjunto dos programas de pós-graduação em educação e a defesa do ensino laico, público e gratuito.

E, como de hábito, o número é complementado com resenhas sobre livros editados recentemente.

*A Comissão Editorial*